

CORPOREIDADES NA DIÁSPORA E O FENÔMENO PAGODE

Ivanilde Guedes de Mattos⁹

RESUMO

Há algum tempo observo no campo das reflexões sobre educação a necessidade de inserção de questões difíceis que envolvem raça, gênero, sexualidade, dentre outros marcadores de identidade. Nesse sentido, proponho pensar questões que estão diretamente ligadas a uma nova organização social que traz para a esfera educacional a emergência do trato com essas questões. Assim, tornam-se necessário os conhecimentos sobre os instrumentos legais e normativos relacionados à questão da diversidade etnicorracial. Entendendo o pagode como uma possibilidade para interpretação da Lei 10639/03, tendo em vista a sua aderência junto a comunidade escolar da escola pública de Salvador. Busco na *performance* do pagode e sua produção criativa na cultura urbana, que hibridiza as formas e se mantém em cena, mesmo com acirradas críticas, contribuições significativas para outras formas de saberes que a escola precisa reconhecer.

PALAVRAS CHAVES Pagode, *Performance* e Educação das Relações Raciais.

ABSTRATC

⁹ Doutora e Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia/UNEB; Licenciada em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador/UCSAL. Atualmente docente do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS; Membro da Comissão de Ações Afirmativas da UEFS; Líder do Grupo de Pesquisa Firmina(CNPq): Pós Colonialidade, Educação, Cultura, História e Ações Afirmativas. Membro fundadora da Associação de Pesquisadores Negros da Bahia. Desenvolve pesquisa e trabalhos correlatos nos temas: Juventude Negra, Cultura, Musicalidade Negra e Currículo, Corpo e Educação Física e Ações Afirmativas. Consultora para Formação de professores com ênfase na Lei 10639/03 na perspectiva da Recreação, Corporeidade, Lúdidade e Descolonização do Pensamento. Objeto de pesquisa de doutoramento: O Pagode e suas *performances* para a Educação das Relações Etnicorraciais no Currículo Escolar. Autora do livro “Estética Afirmativa: O corpo negro e o ensino da Educação Física”.

Some time ago I observe in the field of education reflections on the need for inclusion of difficult issues involving race, gender, sexuality, among other markers of identity. Accordingly, I propose thinking questions that are directly linked to a new social organization that brings the educational sphere the emergence of dealing with these issues. Thus become necessary knowledge of legal and regulatory instruments related to the issue of diversity ethnicorracial. Understanding the pagoda as a possibility for the interpretation of Law 10639/03, with a view to their adherence with the school community public school in Salvador. Seeking the pagoda performance and his creative output in urban culture, which hybridizes the forms and remains on the scene, even with fierce criticism, significant contributions to other forms of knowledge that the school needs to recognize.

KEYWORDS – Pagoda , Performance and Education Race Relations.

INTRODUÇÃO

A intenção que mobiliza esse estudo investigativo sobre o gênero musical denominado pagode surgiu no transcorrer do ano de 2006, como admiradora do carnaval da Bahia, entre blocos e trios elétricos, ao descer a Avenida Sete de Setembro. Senti um tremor no meu corpo quando percebi que a banda de pagode *Fantasmão* se aproximava e, com ela, uma multidão em verdadeiro transe. Fiquei apreensiva, mas a música (entoada pelo cantor “Eddy”, vocalista da banda nessa época) e seu ritmo diferenciado com jeito de *Rap*¹⁰ me contagiaram de tal maneira que desejei que aquele momento não acabasse: definitivamente vivi uma experiência incrível de medo e êxtase. Esse grupo, em especial, foi para esse estudo o gatilho responsável por minhas inquietações, por se tratar de uma banda de pagode cujas músicas traduziam em suas letras uma crítica contra as desigualdades sociais, fazendo uma trajetória diferenciada de outras bandas de pagode, como os grupos Terra Samba, Juventude do Pagode, Pagod’art, É o Tchan, Psirico entre outros.

Desse carnaval para cá, o meu interesse por este fato cultural cresceu tanto quanto o ritmo musical a ele vinculado, denominado “Pagode Baiano”: Mesmo sabendo que se tratava de um objeto no mínimo complexo, não declinei do intento de trazer o pagode para

¹⁰ O *rap* caracteriza-se pela reinvenção do cotidiano através da oralidade de pessoas comuns que denunciam em suas canções problemas graves vivenciados nas situações sociais extremamente adversas e totalmente negligenciadas pelos Donos do Poder. Os rappers narram com as suas próprias vozes e olhares o cotidiano das cidades contemporâneas transfigurando-se em instigantes cronistas e críticos da modernidade (CONTIER, 2005).

o campo da educação e pensá-lo numa dimensão educativa performática. Propor a descolonização do conhecimento deveria ser uma missão da educação. Mas, só podem se propor a fazê-lo aqueles que conseguiram descolonizar seus corpos dos engessamentos disciplinares que estabeleceram a partir dos padrões culturais europeus, as normas de conduta e comportamento que a sociedade brasileira deveria seguir. Por isso, perceber o corpo como espaço de fala e de reivindicação me levou a pensar e desafiar, inclusive a mim mesma, a possibilidade de compreender um pouco mais esse fenômeno chamado “Pagode”, que tem no corpo sua maior expressão de liberdade e contestação às imposições normativas. E para além de apenas ser mais um ritmo baiano, proponho que o pagode seja tratado pela escola como um discurso cultural importante capaz de traduzir novas narrativas subalternas.

Há algum tempo observo no campo das reflexões sobre educação a necessidade de inserção de questões difíceis que envolvem raça, gênero, sexualidade, dentre outros marcadores de identidade. Nesse sentido, proponho pensar questões que estão diretamente ligadas a uma nova organização social que traz para a esfera educacional a emergência do trato com essas questões. Assim, tornam-se necessário os conhecimentos sobre os instrumentos legais e normativos relacionados à questão da diversidade etnicorracial.

A Lei Federal 10.639/03, que altera a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira e torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais¹¹, ambas relacionadas à obrigatoriedade de inclusão nos currículos da Educação Básica de conteúdos que envolvam as populações negras tanto na África como no Brasil, têm exigido dos educadores e pesquisadores da educação esforços inéditos de produção de conhecimento que subsidiem o cumprimento satisfatório dessas obrigatoriedades, seja no que diz respeito à formação de professores, à produção de material didático, à escolha de conteúdos e temas necessários e, o que talvez seja mais importante, à revisão crítica e ao fortalecimento de alternativas conceituais e metodológicas capazes de operarem transformações substantivas em concepções hegemônicas e calcificadas de currículo.

Nessa perspectiva, acredito nas produções de conhecimento que tomam esse novo universo educacional como fundamento e novos horizontes para proposições mais concretas no âmbito escolar. Os conteúdos e concepções presentes na Lei Federal

¹¹ Ver a Lei na íntegra: Brasília. Conselho Nacional de Educação, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Brasília, DF, CNE, 10 de março de 2004.

10639/03 e nas Diretrizes mencionadas podem transformar-se em importantes instrumentos a favor da formação educacional da grande maioria dos estudantes das escolas públicas, os quais segundo as estatísticas¹² mostram, que em Salvador e na Bahia, de um modo geral, são geralmente negros.

Currículo: descolonizar é preciso

Entendendo o pagode como uma possibilidade para interpretação da Lei 10639/03, tendo em vista a sua aderência junto a comunidade escolar da escola pública de Salvador. Busco na *performance* do pagode e sua produção criativa na cultura urbana, que hibridiza as formas e se mantém em cena, mesmo com acirradas críticas, contribuições significativas para outras formas de saberes que a escola precisa reconhecer. Daí a proposição de introduzir o pagode baiano no currículo escolar como uma cultura a ser experimentada, mesmo reconhecendo a sua imprevisibilidade. No entanto, diante da sua complexidade, reconheço que o professor pode ou não atuar com o pagode, buscando subterfúgios em outros gêneros musicais considerados menos problemáticos do ponto de vista da comunidade, seja ela escolar ou local.

A fluidez que envolve o pagode nesse aspecto se direciona à percepção do mesmo como expressão viva ou não em determinados espaços, onde outras temáticas podem estar exigindo mais atenção, como a violência ou o uso de drogas. Mesmo reconhecendo que uma interpretação mais aguçada do pagode sobre essas especificidades pode gerar ações conjugadas de cunho formativo. Estou ciente do que o espaço de aula representa ideologicamente e reconheço possíveis deslizos, considerando que a pessoa do professor pode direcionar o tema para o viés único e exclusivo da representação negativa do gênero feminino, angariando do público estudantil uma rejeição mais acirrada a essa cultura musical.

Esse *entre-lugar* não está definido inicialmente, podendo ser qualquer lugar; mas ele precisa acontecer, pois o que se percebe é um medo, uma reprovação do pagode pela escola. Se o pagode será tratado como cultura, como arte, como movimento, como literatura, história, geografia ou Educação Física é decorrência do reconhecimento desse fenômeno junto ao público escolar. Considero a partir daí a perspectiva da descolonização

¹² Consultar: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/censo2>. Síntese de Indicadores Sociais-IBGE/2008.

do conhecimento, um trabalho que reorienta a não hegemonia curricular. Desse modo, o objetivo desse estudo é caracterizar esse campo da *performance* musical do pagode e, a partir dele, investigar as formas através das quais a *performance* proveniente dessa expressão cultural pode servir como referência para a elaboração de estratégias curriculares para uma educação efetivamente inclusiva e, por que não, mais estimulante. Destaco aspectos de natureza formativa, tais como a valorização do passado histórico, a crítica ao racismo e à discriminação, a elevação da autoestima e da autoimagem. Essas formas expressivas da cultura, uma vez consideradas nas construções curriculares, podem contribuir para uma inclusão mais substantiva dos jovens negros e pobres nas escolas, sobretudo nas escolas públicas.

Em outras palavras, parti do pressuposto de que a análise das presenças e ausências de determinados elementos na estrutura curricular das escolas - entendendo currículo como a multiplicidade de aspectos, valores, normas, procedimentos e práticas que envolvem o processo formativo-, contribui em grande medida para a identificação e análise das perspectivas inclusivas ou exclusivas nela presentes, com implicações significativas não só na própria formação dos estudantes, como também na sua maior ou menor integração à própria escola.

Para tanto, tomo como referência inicial as representações de corpo permeadas pelas variáveis de gênero e raça presentes no novo estilo musical do pagode na Bahia, surgido a partir da década de 1990. Para tratar de um tema cuja complexidade está posta a partir da necessidade de implementação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira na educação básica, é que recorro a vários fatos históricos nos quais a presença da cultura negra africana e afro-brasileira se destaca e faz emergir alguns dos principais conceitos a serem analisados, contribuindo para uma reflexão mais próxima do presente social e cultural em que vivemos e que se constitui através da educação.

A referida lei deve assegurar que a escola contemple conteúdos de uma cultura anteriormente concebida como inferior e, portanto, desnecessária como conhecimento formativo, tornando invisível a riqueza cultural particular do continente africano e de seus povos: as lutas e vitórias que contam os seus griôs - verdadeiros guardiões dessa história¹³; as formas de agrupamentos sociais, de economia e sustentabilidade; as formas de

¹³ Histórias como a epopéia de Sundiata - rei dos reis que nasceu com sérios problemas de saúde e acabou por se tornar imperador do Mali.

elaboração dos planos de liberdade; os mitos que envolvem os orixás e outras divindades; os cultos de devoção à natureza; o ponto de vista das artes; as habilidades artísticas e seus principais monumentos até então desconhecidos pela história; a cultura musical com a magnitude de ritmos, instrumentos e melodias que se fazem presentes em tantas composições e arranjos internacionais, mas que se quer são citadas e tantas outras histórias que envolvem o continente africano.

Assim, vejo como oportuno o contexto educacional desenvolver ações que envolvam a comunidade escolar e não escolar para: a diminuição do racismo; o enfrentamento das diferentes situações que causam prejuízos para as relações entre negros e brancos e o reconhecimento das diferentes linguagens escolares subjacentes dando espaço para as culturas urbanas e locais que têm a escola como espaço de significação. O pagode baiano, enquanto uma cultura de forte inserção local é sem dúvida uma cultura de repetição disseminada pela dança e pelo ritmo entre a juventude soteropolitana. Assim, a escola não pode desqualificar o pagode como um discurso cultural.

Ainda sobre documentos legais que normalizam os conteúdos escolares, temos as Diretrizes Curriculares Nacionais, as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Etnicorraciais e os PCN'S que precisam ser referenciados como importantes instrumentos na articulação das novas propostas de Lei. Faço uso do seguinte orientação do PCN:

I- A Estética e Sensibilidade, que deverá substituir a da repetição e padronização, estimulando a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado e a afetividade, bem como facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto e o imprevisível, acolher e conviver com a diversidade, valorizar a qualidade, a delicadeza, a sutileza, as formas lúdicas e alegóricas de conhecer o mundo e fazer do lazer, da sexualidade e da imaginação um exercício de liberdade responsável (PCN, p.113).

Elaboro, portanto, com mais consistência, um caminho estratégico para propor um currículo que compreenda a realidade social e cultural desse território de identidade majoritariamente negro, e como a musicalidade negra, através do ritmo denominado pagode baiano, pode vir a contribuir para que os estudantes sintam-se estimulados a expressarem os sentimentos que esse gênero suscita expressões, essas por meio de gestos, movimentos corporais, e *performance*; e denotam da ludicidade e sexualidade,

promovendo uma ambiência escolar mais diversa e flexível do ponto de vista da produção musical contemporânea, além da possibilidade concreta de intermediação crítica sobre as ideologias presentes nos discursos culturais.

Certamente, a inclusão desse discurso cultural não irá abarcar a totalidade dos estudantes: é fato que esse ritmo musical é repudiado por muitos jovens e adultos; ainda assim, opto pela inclusão no currículo escolar dada a sua particularidade narrativa de expressão das camadas negras e pobres.

Essa escolha acontece não por acaso, mas é resultado de uma trajetória acadêmica que me permitiu, através das experiências no campo profissional, identificar a necessidade de investir num outro modelo de educação que possa contemplar novas abordagens teóricas e metodológicas capazes de recriar o ambiente escolar a partir de novos formatos de aprendizagens que envolvam os estudantes numa atmosfera lúdica e afirmativa, representativa do seu cotidiano, interativa do ponto de vista do conhecimento e das novas tecnologias, incluindo as práticas esportivas e corporais.

O contexto educacional atual deve ser auxiliado, além dos materiais didáticos, pelos recursos áudio-visuais e performáticos. Aproximar o universo escolar proposto da realidade efetiva em que vivem seus atores principais é abrir janelas para a criatividade, para o interesse, para o movimento e para as dinâmicas relacionais entre educadores e educandos, sem falar nas várias possibilidades que essas janelas estabelecem através do melhor convívio entre a escola e a comunidade ao conceberem um interesse mútuo. A escola que se predispõe às inovações educacionais aponta para um entendimento renovado, não apenas no que diz respeito à inclusão de novas tecnologias e recursos materiais, mas às práticas educativas.

Bandas de pagode

No decorrer dessa trajetória de pesquisa, destaquei alguns grupos e artistas que figuravam no cenário da música popular conhecida como pagode baiano que deram início à popularização desse gênero. Sem a pretensão de aprofundar o método de análise do discurso, busquei fazer uma leitura analítica de algumas letras de pagode, com o intuito muito mais dialógico do que crítico.

Ao decidir por esse campo, considero que há uma preferência pelas bandas musicais de pagode baiano surgidas a partir da década de 1990. Procurei dentre os grupos

de pagode selecionar para esse estudo apenas os grupos de formação cuja origem seja nas periferias de Salvador e que sejam bandas cujo apelo tenha me remetido a identificá-las no contexto com forte expressividade junto à população jovem.

Assim, não estou trabalhando com a grande maioria, e sim com as representações do pagode cuja visibilidade teve maior amplitude nos meios musicais com características específicas, como: as letras, a irreverência, a politização e a expressão performática. De fato, fiz a opção por grupos de pagode que reiterassem as expectativas de pesquisa apontando para uma das características já mencionadas, e cheguei às bandas: Gera Samba/É o Tchan; Harmonia do Samba; Fantasmão/*Edycit*; Parangolé; *Saidy Bamba* e *Black Style*.

Desenvolvi essa investigação entrelaçando as perspectivas narrativas e performáticas elaboradas pelo pagode com autores destacados pelas suas produções relacionadas a esse tema de pesquisa e aos novos referenciais teóricos propostos pelos Estudos Culturais e Pós-Coloniais. Cabe destacar que esses grupos são representações de arranjos coletivos construídos em solos de periferia, com trajetórias semelhantes de exclusão e discriminação, dada a sua condição de classe e de raça.

Perfil dos sujeitos

É necessário fazer um destaque sobre que juventude é essa a que estou me referindo, mesmo sendo uma categoria geracional, posto que a juventude negra da cidade do Salvador tem um modo de “ser” e “estar” bastante particular do ponto vista estético e corporal. Homens e mulheres, nessa etapa de vida não estão distantes de tudo que envolve o mundo do consumo, seja ele tecnológico, visual, material ou cultural. Esteticamente falando, observo a relação que tem essa juventude com o próprio corpo, quando se nota um certo despojamento, que não se restringe ao uso de poucas roupas.



Quadro 1: Fotos Acervo Pessoal



Quadro 2: Fotos de Acervo Pessoal

Os homens, na sua grande maioria, são magros, com músculos definidos e uma cintura pélvica aprofundada, normalmente à mostra por suas bermudas (tipo surfista) bem abaixo da linha do quadril, sem camisa, e de chinelos. E se encontram nas ruas, em localidades próximas aos seus domicílios ou na praia. Os cabelos também chamam a atenção: não é raro encontrar jovens negros com os cabelos descoloridos e cortes de cabelos em formas geométricas; outros buscam nas formas de alisamentos a possibilidade de usarem os cabelos tipo moicano e, certamente, há aqueles que adotaram os *dread's* (cachos estilo rastafári) e trancinhas para compor um visual mais étnico/híbrido.



Quadro 3: Fotos cedidas pela estudante participante do estudo



Quadro 4: Fotos cedidas pela estudante participante do estudo

As mulheres também esbanjam variedades em seus *looks*, ora estão de tranças, ora usam *megahair*, sem falar da chapinha (cabelo liso, sem ondas) que entrou com toda força no universo dos penteados contemporâneos, seja para as negras ou não. Vestidas em roupas de baixo custo de malha, na maioria das vezes, ou shorts jeans bem curtos, deixam à mostra suas curvas, e delineamentos corporais, sejam elas magras ou gordas. Não é possível avaliar se há algum tipo de descontentamento vivenciado pelas mesmas devido a suas formas, dada à linguagem corporal expressa em movimentos rápidos e sinuosos de andar.

A cultura do consumo da moda é uma realidade no âmbito das periferias. Dadas as devidas proporções socioeconômicas, os jovens são fortemente influenciados pela mídia a adquirirem, a terem, e serem. Segundo Jean Baudrillard (2008), “você é o que você tem”. Assim, eu descrevo a juventude negra de Salvador como um grupo social que convive com a falta de emprego, com a pobreza e em condições desprezíveis pelo estado; porém uma parcela desses jovens possui uma capacidade ímpar de tentar driblar esse cotidiano, seja no mercado informal, nos bicos, fazendo renda com muita criatividade. Ainda que às margens, são atores com forte presença no campo social e cultural. Para Featherstone (1991, p.170;178),

A imagem do corpo belo abertamente sexual [...], enfatiza a importância da aparência e do look.[...] A percepção do corpo na cultura é dominado por um vasto arsenal de imagens visuais. De fato, a lógica interna da cultura de consumo depende do cultivo de um apetite insaciável para o consumo de imagens.

Atento Gilroy em “Entre Campos” reflete essa corporificação nos levando a compreender o corpo nesse contexto de consumo no qual, para o sujeito ser incluído, ele deve fornecer provas, sejam elas culturais, sociais e financeiras. É no corpo que se materializa o “lugar” desse sujeito. O autor diz que “o que, em termos culturais é necessário para pertencer, e melhor ainda, o que é necessário para ser reconhecido como pertencente, começa a parecer muito incerto”(2007, p.44).

Vivemos um tempo de registro de imagens marcado pelo consumo de imagens próprias. Nunca se registraram e postaram tantas imagens, ampliando o espectro de visualização através das redes sociais. Cada vez mais se busca conferir o que somos, onde fomos, o que comemos, quanto gastamos, e onde estamos. A postagem tem de ser em tempo real, não bastando apenas registrar, todos devem “curtir”, ou seja, devem sinalizar a visualização. Mas isso não é condicionante para a equidade entre os grupos sociais como corrobora Gilroy. Essa juventude de que estou tratando, ainda que tenha acesso a essa tecnologia de comunicação e imagem, é um grupo estereotipado, que tem a sua imagem frequentemente associada à “galera do mal”, os “braus”¹⁴, pivetes, entre outros termos pejorativos. Portanto, ainda que esses jovens busquem estar inseridos nessa cultura juvenil de uso de roupas, tênis e *look's* atualizados, eles não necessariamente são incluídos socialmente; existe todo um conjunto de signos e símbolos incorporados em nossa sociedade que distingue os grupos sociais por classe e raça, ou seja, essas são as novas faces do racismo. De acordo com Pais (2006, p.37),

A estetização do corpo arrasta uma expressividade que é fonte de reconhecimento e integração grupal. A aparência é causa e efeito de uma intensificação da actividade comunicacional, e dela se revelam territórios de pertença, estéticas, inclusivas ou exclusivas.

A propósito, entre esses jovens pesquisados há um imaginário de sucesso que envolve a busca pela semelhança estética dos cantores de pagodes, cujo estrelato vem de histórias de sujeitos simples, que em curto tempo, tornaram-se representações positivas dentro desses grupos étnicos. São criadas expectativas em torno da música e da dança como passaporte para o sucesso. Assim, é comum no interior desse grupo a apropriação da linguagem estética musical e corporal seja através do contato direto e/ou por outros canais

¹⁴ Ver Etnografia do brau: corpo, masculinidade e raça na reafrikanização em Salvador. (PINHO,2005).

afetivos sensoriais, como nos terreiros, nas igrejas e nas organizações escolares a exemplo das fanfarras, onde eles exercem suas *performances*.

Morar em Salvador, dentro das comunidades periféricas, exige que se faça um olhar para as presenças estilizadas esteticamente, cujas regras entre a pobreza e graça de viver estão estabelecidas num jogo de superação. Sodré apresenta de forma mais interessante uma noção de território que se assemelha a esse quadro social em questão, ou seja:

A história de uma cidade é a maneira como os habitantes ordenaram as suas relações com a terra, o céu, a água e os outros homens. A história dá-se num *território* que é o espaço exclusivo e ordenado das trocas que a comunidade realiza na direção de uma identidade grupal (SODRÉ, 1988, p.22).

Diante disso, é aceitável dizer que existe no seio das comunidades pobres da cidade do Salvador uma presença maciça do grupo etnicorracial negro e, com ele suas diferenças em relação a outros grupos étnicos. Isso faz com que dentro desses territórios sejam elaboradas normas e condutas que estrategicamente garantem a essas identidades uma forma de lidar com o real. Não é possível desprezar às ideologias higienistas ao refletir como estão alocados espacialmente os sujeitos cujo pertencimento racial é negro e cujas condições socioeconômicas estão às margens do real. Em Salvador, a distribuição de renda determina o “morar” do cidadão: as grandes avenidas, com seus condomínios de edifícios são fachadas de um quintal miserável que o turista que vem conhecer a cidade não consegue enxergar, dada a paisagem edificante de lajotas, mármore e jardins.

Onde e como vivem os jovens negros da bela Salvador? Nos quintais e nas ruas. Espaços considerados desprezíveis, onde se demarcam as diferenças de classe e de raça, mas também onde se demarca um território de manifestação, contestação e representação da população negra. Ao chamar a atenção para a corporeidade étnica, especialmente da juventude negra, é mister afirmar que existe uma presença corporal cujo ser e estar no mundo requer intencionalidade, ludicidade, agilidade e força. Ademais, toda ação do corpo deve ter intenção. A história da escravidão deixou marcas no corpo negro; portanto, um corpo negro está carregado de intenção, e a, principal é sobreviver numa sociedade perversa e discriminadora. Esse corpo precisa ser lúdico para não perder a criatividade

diante de tantas desigualdades, sejam reais ou simbólicas; e ágil, para saber cair e levantar, desviar e se proteger das armadilhas veladas e mal intencionadas.

Portanto, considerando a realidade dos territórios e suas identidades, esse corpo deve se fortalecer para não sucumbir às formas de preconceito e de tratamento. A juventude negra de Salvador ocupa diversos territórios; sua corporeidade é expressão viva de movimento humano que dança, canta, trabalha, estuda, inventa e se reinventa. Seria bastante cômodo concentrar meu foco apenas nos aspectos estéticos e performáticos que garantem distinção dessa juventude, especialmente. Porém, falar dessas presenças corporais nos espaços sociais dessa bela cidade requer uma descrição mais detalhada das formas de existência e resistência desse grupo social que, bem cedo, ainda antes da puberdade, é tratado na forma da lei, com rigorosas abordagens e exageros, como na atuação aos infratores quando identificados. Estigmatizados pela cor, esses jovens homens e mulheres são constantemente discriminados e inferiorizados, tratados com diferença quando consumidores, desprezados como cidadãos frente aos seus direitos básicos.

Nesse percurso temos o pagode, que surge na década de 90, fruto de uma cultura da diáspora, resultado de encontros múltiplos favorecidos pelos rastros/resíduos¹⁵ de origem africana. O pagode baiano como se tornou conhecido em todo país, é a expressão corporal (até então) mais sensual e provocante que o próprio lundu. Sem dúvida os pagodes baianos repercutiram pelas letras das músicas que carregam em adjetivos pejorativos. Essa cultura desterritorializada se reterritorializou na diáspora atlântica de forma misturada, híbrida, e isso tem sido especialmente acolhido pelos jovens negros soteropolitanos, atores principais deste estudo.

Tratado como um ritmo musical marginal, produzido e consumido pelas classes populares em sua maioria, o pagode está, ao contrário, para o universo estudantil como uma das manifestações culturais mais explosivas e vivenciadas, implicando novos contextos educativos, o que me remete enquanto educadora ao conhecimento e exploração desse tema, como novo campo de reflexão da educação das relações etnicorraciais.

Portanto, o desafio, segundo Bhabha (1998), coloca-se em problematizar o próprio ato de enunciação¹⁶ e do discurso ao trazer para o debate curricular os anseios e os desejos

¹⁵ Ver Glissant (2005).

¹⁶ O processo enunciativo introduz uma quebra no presente performativo da identificação cultural, uma quebra entre a exigência culturalista tradicional de um modelo, uma tradição, uma comunidade, um sistema estável de referência, e a negação necessária da certeza na articulação de novas exigências, significados e estratégias culturais no presente político como prática de dominação ou resistência. (BHABHA, 1998, p.64).

dos estudantes em ter sua cultura valorizada na escola. Vejamos o que diz esse fragmento que faz parte do livro “A África explicada aos meus filhos”:

A África influenciou fortemente a música contemporânea, tanto a popular quanto a chamada erudita ou clássica. Quase todos os ritmos populares difundidos do continente americano para o resto do mundo a começar pelo samba, a rumba, o calipso, a salsa e o jazz têm raízes africanas. Ou melhor, foram criações nas Américas dos africanos, e de seus descendentes (COSTA e SILVA, 2008, p.78).

Deixando rastros

Destaco esses espaços de socialização que ligam passado e presente das manifestações culturais negras, cuja presença da música invariavelmente resulta em encontros de desejos, afetos, resistência e disputas. O que desejo, através da retomada desses fatos históricos sobre a música negra, é contextualizar de que modo foram sendo elaboradas essas formas de expressão corporal e cultural dos negros a partir das expressões musicais e corporais. Portanto, não data de hoje, mas de um passado de rituais coletivos dos africanos, que ao chegarem ao Brasil como escravos ocultaram, recriaram, sincretizaram e adaptaram suas danças, promovendo o surgimento de vários outros ritmos musicais nos quais a dança é seu principal marcador. Tratados pelos brancos opressores como danças primitivas, o Lundú, o Semba, o Maxixe, o Maracatu, o Baião, dentre outros são, para a história e cultura africana e afro-brasileira, conteúdos necessários à formação global de todos os indivíduos deste país.

Ao passo que compreendo o pagode como um ritmo derivado do samba, cuja relação de identificação com a juventude negra e pobre de Salvador é facilmente verificada, devo problematizar os conteúdos de que trata a escola formal e a importância dada aos conteúdos da cultura negra. Afinal, esse mesmo grupo social é o público escolar que na rua reelabora os seus modos de fazer cultura. Verificando que há uma lacuna sobre a história da África e de seus descendentes, passei a indagar que corpo é esse que na escola tem sua história invisibilizada e sua corporeidade rotulada negativamente, limitando sua linguagem e cerceando suas expressões mais valorativas que estão no campo da dança e da música.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Edições 70. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.
- BENJAMIM, R. As festas populares como processos de Luiz Beltrão. **Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional**, Ano V n.5, 17-24, jan/dez. 2001
- BRASILEIRO, L. T.; MARCASSA, L. P. Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança. In: **Pro-Posições**, v. 19, n. 3 (57) - set./dez. 2008.
- BERND, Z. O elogio da criouldade: o conceito de hibridação a partir de autores francófanos do Caribe. In: JUNIOR, Benjamim. A.(Org.). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo& outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRASÍLIA. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, Brasília, DF: CNE, 10 de março de 2004. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Relatora).
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: bases legais**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.
- BRASIL, Secretaria de educação média e tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio/ministério da educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica-** Brasília: MEC, SEMTEC, 2002.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Leis Ordinárias de 2008. Lei nº 11.769/2008. Altera a lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica**. Brasília, 2008. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm>. Acesso em: 21.10.2011

CARLSON, M. *Performance: uma introdução crítica*. Tradução Thaís Flores Nogueira, Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FEATHERSTONE, M. *Consumer Culture & Postmodernism*, Londres. Sage, 1991.

FLEURI, R. M. **Educação intercultural: mediações necessárias**. Florianópolis: DP&A, 2003.

GILROY, P. **Entre Campos, nações, culturas e o fascínio da raça**. Trad. De Célia M. Marinho de Azevedo et al. Editora Anablume. São Paulo, 2007.

_____ **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Afro-asiáticos, 2001.

GLISSANT, É. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora. Editora: UFJF, 2005.

MATTOS, I. G. **Estética Afirmativa: corpo negro e o ensino da educação física**. Salvador: EDUNEB, 2009.

MATTOS, W. R. Valores civilizatórios afro-brasileiros, políticas educacionais e currículos escolares. In: Educação e Pluralidade Cultural. **Revista de FAEEBA**. Vol.12, nº19: jan/jun 2003.

PAIS, J. M. Bandas de Garagem e identidades juvenis. In: COSTA, Márcia Regina da; SILVA, E. M. **Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana**. São Paulo: Educ, 2006.

PINHO, O. A. Etnografias do Brau: corpo, masculinidade e raça na reafirmação em Salvador. **Revista Estudos Feministas** [em línea], vol. 13, 2005.

SODRÉ, M. **Samba, o dono do corpo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____ **O terreiro a cidade**. A forma social negro-brasileira. Coleção Negros em Libertação. Petrópolis: Editoria Vozes, 1988.

COSTA, M. R.; SILVA, E. M. **Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana**: São Paulo. EDUC, 2006.